



JORNALISMO



## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### O LIVRO-REPORTAGEM NA SALA DE AULA: PROJETOS EXPERIMENTAIS QUE SE TRANSFORMAM EM PRODUTOS

#### JORNALÍSTICOS

Andreia Terzariol Couto<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo do artigo é demonstrar o resultado de anos de docência com livros-reportagem para TCC em jornalismo. A experiência nessa disciplina em mais de duas décadas resultou no *Livro-reportagem - Guia prático para profissionais e estudantes de Jornalismo*, (2017), cujo propósito é auxiliar os alunos na tarefa de confeccionar um livro-reportagem como exigência para a conclusão do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo. O material abrange desde a procura pelo tema da pesquisa, a trajetória metodológica para a confecção do projeto até sua concretização em forma de livro. No decorrer da prática docente, algumas questões foram levantadas em relação às barreiras enfrentadas pelos alunos, incorrendo em uma redação problemática. Uma das propostas do livro é apresentar ao aluno de jornalismo as possibilidades e vantagens de se produzir um livro-reportagem ao final da graduação.

**Palavras-chave:** Livro-reportagem. Jornalismo Literário. TCC. Produtos Jornalísticos.

#### 1. INTRODUÇÃO

Ao longo de quase duas décadas venho trabalhando como professora da disciplina Livro-reportagem em cursos de jornalismo e essa experiência me fez observar algumas situações em relação ao perfil dos meus alunos. Como se tratavam de Instituições de Ensino Superior privadas, a grande maioria dos alunos frequentou o curso superior no período noturno, tendo trabalhos regulares ao longo do dia. De partida, isso coloca a questão de pouca disponibilidade de tempo livre para se dedicarem aos trabalhos acadêmicos. Os que escolhiam para o trabalho de conclusão de curso a elaboração e desenvolvimento de um livro-reportagem, eram conduzidos para um estreito caminho de pouco tempo para realizá-lo concomitantemente aos seus trabalhos, à vida acadêmica e suas demandas e às exigências para a elaboração e concretização do produto.

---

<sup>1</sup> Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Sustentável pela Unicamp Graduada em Letras e Jornalismo, Mestre em Comunicação Social – Jornalismo. Membro do grupo de pesquisa Alterjor - Grupo de Pesquisa de Jornalismo Popular e Alternativo – (ECA-USP). E-mail: andreiatcouth@gmail.com.



JORNALISMO



Durante anos presenciei o desejo e a angústia dos meus alunos em lidar com a falta de tempo, mas talvez a maior preocupação de todos era: como começar, por onde partir e, principalmente, como escrever um livro? Essa última questão lhes parecia sempre assustadora, mas também desafiadora: ao mesmo tempo que a pouca experiência com a escrita lhes angustiava, a possibilidade de concretizar o curso de Jornalismo tendo um livro-reportagem no portfólio os animava.

Vale lembrar que muitos alunos são provenientes de escolas públicas, nas quais não tiveram boas experiências com redação, leitura e mesmo estímulo para ler e escrever.

## **2. A AÇÃO DO PRIVILÉGIO CULTURAL E A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL**

Historicamente, a prática de leitura sempre esteve afastada da constituição e formação do povo brasileiro. O surgimento tardio da universidade no nosso país, a fraca estruturação do ensino nas colônias, a prática da transmissão de conhecimentos nas mãos dos jesuítas, produzindo uma educação atrelada ao mundo religioso e a falta de atenção dada à formação e interesse científico mostram a configuração da trajetória escolar. Nesse cenário, o acesso ao ensino formal sempre esteve ligado às camadas privilegiadas da população.

O ingresso ao ensino superior por parte das camadas populares é uma realidade relativamente recente em nosso país e mais uma vez, essa situação insere-se em um contexto histórico bastante peculiar. Faz parte de um projeto político de abertura ao ensino privado e à privatização do ensino superior. Enquanto a universidade pública permanece praticamente inalterável em sua configuração, continuando a atender um público, na maioria das vezes, oriundo da camada economicamente privilegiada, com acesso aos bens culturais, os Institutos de Ensino Superior vieram atender a um público cada vez mais interessado na posse de um diploma do terceiro grau, no intuito de conseguir melhores postos de trabalho e ascensão social. No entanto, isso nem sempre se torna uma realidade.



É provavelmente por um movimento de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 1998, p. 41).

Muitos dos alunos com os quais trabalho no curso de jornalismo provêm de camadas médias da população, em sua maioria, de famílias de trabalhadores assalariados, eles próprios já inseridos no mercado de trabalho. A desigualdade que aguarda os alunos em foco no ensino superior é fruto de uma situação excludente que tem suas raízes historicamente muito antigas, através de mecanismos socioeconômicos que os afasta continuamente dos meios privilegiados do capital cultural.

A ação do privilégio cultural só é percebida, na maior parte das vezes, por suas formas mais grosseiras, isto é, como recomendações ou relações, ajuda no trabalho escolar, ou ensino suplementar, informação sobre o sistema de ensino e as perspectivas profissionais. Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes frente ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito (BOURDIEU, 1998, pp. 41-42).

Assim sendo, é perceptível a influência do capital cultural entre o público observado. Aqueles cujas famílias investiram em bens culturais, cultivando a noção de importância da leitura e outras manifestações, como teatro, cinema e música, têm um desempenho sensivelmente superior em principalmente três quesitos analisados: facilidade de elaboração de textos, em suas diversas modalidades; maior fluência e conhecimento vocabular; melhor expressão oral.

Bourdieu (1998): *a influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma da relação, muitas vezes constatadas, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar* (p. 42).

O privilégio cultural manifesta-se, então, nas mais diversas modalidades, desde a familiaridade com obras de arte, referência a autores da literatura mundial ou nacional, o conhecimento de peças de teatro consagradas. E essa familiaridade somente ocorre com a frequência de visitas a museus, teatros, salas de concerto, teatros e cinemas. Paralelamente à falta de contato com os bens culturais, está a falta do hábito de leitura, que faz com que esses alunos levem adiante em sua formação problemas de nível linguístico que se refletem no seu dia-a-dia na sala de aula, e provavelmente os acompanharão em sua profissão.

A questão do domínio vocabular e sua relação com a carreira superior tem uma enorme complexidade no desempenho do estudante não somente durante sua formação universitária, mas também após sua formação e durante sua vida profissional. Isso porque a língua não é somente um instrumento de verbalização do pensamento ou exteriorização de ideias, mas fornece, nas palavras do autor acima citado, através de um vocabulário mais ou menos rico, uma sintaxe, isto é,

um sistema de categorias mais ou menos complexas de maneira que a aptidão para o deciframento e a manipulação de estruturas complexas, quer lógicas, quer estéticas, parece função direta da complexidade estrutura da língua inicialmente falada no meio familiar (BOURDIEU, 1998, p. 46).<sup>2</sup>

Com relação à disciplina Livro-reportagem, durante minhas aulas, me deparei com resultados de toda natureza: excelentes materiais, livros que, a princípio pareciam não decolar, mas que se mostraram muito bons no final; livros surpreendentes pela qualidade das histórias e da forma narrativa; livros tocantes pelo tema e pela forma como o trataram; trabalhos que pareciam difíceis no começo, quase impossíveis de serem realizados, mas que conseguiram seu objetivo final. Também houve os que desistiram ao longo do caminho, mas isso foi exceção.

---

<sup>2</sup> Cf. P. Bourdieu, J.-C. Passeron e M. de Saint-Martin, 1964.

A observação desse percurso mostra alunos partindo do zero, com uma vaga imagem do que é um livro-reportagem, sem ideia clara sobre o tema a ser desenvolvido e, menos de um ano depois, apresentando o produto final.

Como afirmo na apresentação do *Livro-reportagem – Guia prático*, grande parte dos exemplos apresentados são retirados da minha própria experiência, como pesquisadora acadêmica na área jornalística, como docente em cursos de Jornalismo e como autora de livro-reportagem.<sup>3</sup>

No caso da universidade em que trabalho, a disciplina Livro-reportagem é ministrada no sétimo semestre do curso, no sétimo semestre, quando os alunos iniciam o projeto sobre os produtos jornalísticos escolhidos por eles. Naturalmente que desde o terceiro semestre discorro sobre a importância de definir o tema e o produto o quanto antes para não se desesperarem na última hora, mas não são todos os que fazem isso. Normalmente começam a pensar sobre o tema e o produto no penúltimo ano, junto com a sondagem dos possíveis orientadores e se deparam de fato com o trabalho desafiador da escritura de um livro em um prazo muito curto.

Muitos alunos evitam o desafio de realizar um livro-reportagem por medo, porque não têm o hábito da leitura e da redação e o enfrentamento pode parecer muito grande, tornando-se muito muitas vezes algo penoso e inacessível. Ao chegar o momento de produzir o material, por medo de confeccionarem o trabalho sozinhos, muitos optam por não fazer o livro-reportagem, buscando os documentários, livros fotográficos, programa de rádio, sites, fugindo do livro por terem medo de não darem conta de um produto dessa natureza.

Ao presenciar esse cenário durante muitos anos, comecei a pensar em um material que pudesse auxiliá-los nessa tarefa e daí surgiu a ideia do livro que servisse como um guia para a elaboração desse tipo de produto jornalístico. Ele tem uma estrutura simples, aos moldes de um manual para a concretização do produto final. E está dividido em duas partes, começando pelo **Projeto**, passando, a seguir, para a segunda, com os passos para a elaboração do livro propriamente dito, o **Produto**.

---

<sup>3</sup> COUTO, Andréia Terzariol. **O país das mil colinas**. Relato sobre uma região marcada pelo último genocídio do século XX. Curitiba: Appris, 2013.

### 3. OBJETIVOS

Um dos objetivos do livro é apresentar ao aluno de jornalismo as vantagens de se produzir um livro-reportagem ao final do seu curso de graduação. Além disso, mostrar as possibilidades e desafios que a confecção desse tipo de material apresenta em um período relativamente curto e concatená-lo com outras obrigações do final da graduação, como provas, trabalhos, jornal laboratório, grandes reportagens, atividades extracurriculares, atividades supervisionadas, entre outras.

Paralelamente, salientar que o livro-reportagem é importante porque muitos alunos podem, a partir desse exercício, tentar se inserir no mundo não só enquanto leitor/ouvinte ou reproduzidor de histórias, mas também como produtor, aquele que realiza o próprio texto: a produção textual é sua, não mais apenas como redator de matérias jornalísticas, mas agora de uma grande reportagem transformada em livro.

Outro ponto ainda a ser ressaltado em defesa das vantagens de ter um livro-reportagem pronto ao final da graduação é o fato de ele se transformar em um portfólio importante para os que almejam trabalhar na imprensa escrita.

Portanto, um dos objetivos do *Livro-reportagem – Guia Prático* é estimular a produção de um livro-reportagem enquanto produto para o trabalho de conclusão de curso.

### 4. CONFIGURAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM – GUIA PRÁTICO

Na primeira parte do livro, dividida em cinco capítulos, o aluno irá se defrontar com a preparação, escolha do tema e o formato de um projeto de pesquisa, com todos os seus elementos necessários, como problematização, hipóteses, objetivos, justificativa, metodologia, métodos e técnicas, pressupostos teórico-metodológicos, cronograma, orçamento, bibliografia, além da própria pesquisa de campo e os aspectos que a envolvem.

#### 4.1 O projeto

Abordo, na primeira parte, o passo a passo para dar início ao trabalho. Muitos me procuram antes dessa parte para sondarem sobre possíveis temas e não sabem

como começar. Antes de mais nada, é necessário definir um tema para o trabalho. Decidido se quer mesmo escrever um livro-reportagem como TCC, duas perguntas básicas devem ser feitas:

- Gosta de escrever?
- Tem facilidade para redigir?

Alguns alunos sentem-se empolgados com a possibilidade de escrever um livro-reportagem ao final do curso, mas têm dificuldades com o texto escrito, não têm o hábito de escrever, e quando começam a desenvolver o projeto, percebem o árduo caminho que têm pela frente e ficam em pânico. Há um número mínimo de páginas a ser aceito como livro-reportagem e muitas vezes os alunos acabam ficando obcecados para atingir aquele mínimo, quando percebem que não é tão simples assim a sua produção. Aí, o tema e o envolvimento com ele ficam em segundo plano: o primeiro é cumprir as exigências mínimas do número de páginas e pronto.

Realmente a produção de um livro-reportagem não é das tarefas mais simples, mas é sem dúvida uma das mais prazerosas, quando o tema escolhido é envolvente, quando o aluno está afinado com ele, quando começa a vê-lo ganhar forma. E ter um material dessa envergadura como produto jornalístico ao final do curso para começar a montar seu portfólio é muito estimulante.

Por isso, é importante também que, mesmo antes de começar a escrever o projeto, o aluno escolha um tema que lhe interesse muito, pois estará envolvido com ele durante muito tempo. Portanto, tem que gostar do assunto e ter afinidade com ele. Um segundo ponto importante a ser considerado é a **viabilidade** da realização do projeto. Isso é fundamental para o sucesso do produto final. Assim, outras perguntas devem ser colocadas:

- 1- Tem disponível a quantidade de fontes necessárias para consultar e entrevistar?
- 2 - Tem condições financeiras de realizar o projeto?
- 3 - Tem condições reais de desenvolver o trabalho?
- 4 - Tem tempo para desenvolver o projeto e concretizar o livro?

5 - Tem possibilidade de se locomover para os lugares onde se encontram as fontes?

6 - A pesquisa envolve algum tipo de risco?

Pode acontecer de o aluno ter uma matéria interessante, mas não há documentos sobre ele; não há fontes. Nesse caso, haveria a necessidade de fazer uma pesquisa aprofundada para resgatar ou descobrir documentos em arquivos públicos municipais ou de universidades, de bibliotecas, enfim, isso levaria um tempo enorme para compor o material para então começar a escrever sobre ele. Pode acontecer também de alguém já ter produzido algo sobre o assunto escolhido para o TCC. Não tem problema, pode dar um enfoque diferente a ele, pode achar um enfoque inusitado para trabalhar o material. O ideal é que o tema seja inédito.

Os objetos de investigação que mais fazem brilhar os olhos de muitos alunos podem se encontrar distantes do lugar onde eles vivem e estudam. É necessário sempre considerar a distância entre a cidade onde estuda e o local onde a pesquisa de campo vai se desenvolver, onde vivem as principais fontes. A menos que exista algum patrocínio ou formas pessoais de bancar o projeto, ele pode se tornar inviável pela questão econômica e de locomoção.

Por fim, o estudante deve levar sempre em consideração sua integridade física quando propuser um projeto. Falar sobre assuntos que envolvem situações de risco devem ser eliminados da lista de possíveis propostas.

Após delimitar o objeto e verificar sua viabilidade de realizá-lo, está na hora de escrever o projeto de pesquisa. Ele será o guia, uma espécie de roteiro que ajudará o aluno a não se perder no meio do caminho. Haverá um orientador que o auxiliará em sua montagem dentro das normas acadêmicas, para só então, iniciar a produção do livro.

#### 4.2 O produto

A segunda parte, consagrada ao produto propriamente dito, é dividida em 12 capítulos e trata do processo de construção do livro-reportagem em seus aspectos práticos e teóricos: pauta; papel das fontes; ética no jornalismo; plágio;

definição de livro-reportagem; linguagem jornalística e linguagem literária; foco narrativo; possibilidades narrativas em livro-reportagem; estrutura mística; red

#### **4.3 Trabalho de Conclusão de Curso**

Ao final do curso do Jornalismo, o aluno deve apresentar, sob a denominação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma criação jornalística como parte das obrigações para obter o título de bacharel, exigência cuja finalidade é complementar a formação técnico-profissional e possibilitar ao aluno colocar em prática as habilidades desenvolvidas ao longo da graduação, tanto teóricas como práticas. O trabalho de conclusão visa, portanto, à produção (criação, experimentação, desenvolvimento, produção e apresentação) de um produto jornalístico, de acordo com os diferentes gêneros, a saber: livro-reportagem; livro-reportagem fotográfico; monografia; programa jornalístico de TV, vídeo-documentário ou vídeo institucional; programa jornalístico de rádio; produção jornalística em multimídia (CD-ROM ou site); produtos impressos (revistas e jornais ou *house-organ*); projeto de assessoria de imprensa. Funciona também como um mostruário, algo a ser incorporado no portfólio do egresso a ser exibido em sua procura para uma vaga no mercado de trabalho.

O Trabalho de Conclusão de Curso é o desenvolvimento de um projeto, desde a intenção de fazê-lo até sua concretização. Para que esse caminho não se torne árduo demais, minha proposta é a de conduzir o aluno de forma que realize seu produto final sem traumas. Cada instituição de ensino prevê um regulamento próprio para a elaboração desse trabalho, mas, em síntese, as regras não diferem muito. Durante o preparo do TCC, o aluno fica sob a supervisão de um orientador ligado ao seu campo de interesse, que lhe dará suporte teórico e prático para a condução do estudo a ser empreendido, além de qualificá-lo ou não para a entrega e apresentação final. Ao término, o aluno deverá apresentar esse trabalho a uma banca de professores capacitados na área, que o avaliará em todos os seus aspectos. A aprovação do projeto experimental por essa banca é condição *sine qua non* para a obtenção do diploma de graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo.

O trabalho de conclusão é desenvolvido individualmente ou por grupos de alunos<sup>4</sup> e é apresentado a uma pré banca<sup>5</sup>, responsável pela aprovação ou não da continuidade do projeto, segundo critérios específicos. Essa banca é formada por professores das diversas áreas específicas do curso de Jornalismo, que, na ocasião da apresentação do pré-projeto, avaliam a viabilidade do desenvolvimento do produto, indicam bibliografias, orientam o caminho metodológico, além de darem sugestões para os trabalhos. Embora se caracterize como experimental, ao seu final, o trabalho deverá apresentar todo o rigor da pesquisa acadêmico-científica, principalmente no que se refere aos aspectos de pesquisa bibliográfica e metodológica.

O material oriundo do TCC é acompanhado pelo relatório de pesquisa, que deverá ser entregue na data estipulada pela instituição. Nele constarão as etapas da pesquisa, objetivos, justificativa, metodologia, orçamento e demais materiais, como imagens, mapas, entrevistas. Na universidade em que trabalho, o TCC é desenvolvido de forma individual no curso de Comunicação Social.

O produto final livro-reportagem deverá ter no mínimo 130 mil caracteres (cerca de 60 páginas em corpo 12 e tamanho de 14 cm de largura x 21 cm de altura). Podem ser utilizadas fotografias, mas com parcimônia. Ele deverá ser entregue para a banca, que avaliará tanto o trabalho como a defesa oral que se fará dele. A apresentação e defesa oral do projeto, que costumam ter a duração de cerca de 15 a 20 minutos, são abertas à comunidade externa.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Um grupo de especialistas da área elaborou um documento intitulado *Novas Diretrizes para o curso de Jornalismo*. O Art. 11 refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como “componente curricular obrigatório, a ser desenvolvido individualmente, realizado sob a supervisão docente e avaliado por uma banca examinadora formada por docentes, sendo possível também a participação de jornalistas profissionais convidados. § 1º O TCC pode se constituir em um trabalho prático de cunho jornalístico ou de reflexão teórica sobre temas relacionados à atividade jornalística; § 2º O TCC deve vir, necessariamente, acompanhado por relatório, memorial ou monografia de reflexão crítica sobre sua execução, de forma que reúna e consolide a experiência do aluno com os diversos conteúdos estudados durante o curso; § 3º As instituições de educação superior deverão emitir e divulgar regulamentação própria, aprovada por colegiado competente, estabelecendo, necessariamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação do TCC, além das diretrizes técnicas relacionadas com a sua elaboração” (Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192)>). Acesso em: 18/02/2019).

<sup>5</sup> Algumas instituições adotam esse sistema de avaliação chamado pré banca, cujo intuito é o de avaliar, durante o percurso do TCC, se o aluno está apto a seguir em frente com o trabalho.

<sup>6</sup> Esse procedimento pode variar de acordo com a instituição.

As faculdades de Jornalismo costumam inscrever os melhores trabalhos, cada um em sua modalidade, para concorrer a prêmios acadêmicos, como os da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)<sup>7</sup>, como forma de estimular os alunos e divulgar os melhores trabalhos na área acadêmica, o que fazemos também no nosso curso de Jornalismo da Unip.

#### 4.4 Livro-reportagem

Segundo Pereira Lima, o livro-reportagem é um produto jornalístico,

“um veículo de comunicação não periódica. (...). De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade” (LIMA, 1998, p. 7).

O livro-reportagem não é somente um importante veículo de comunicação para jornalistas aprofundarem seus trabalhos, mas também um importante instrumento acadêmico realizado por alunos de comunicação social com habilitação em jornalismo ao final da graduação.

Para jornalistas profissionais, possibilita o desenvolvimento de forma mais aprofundada da investigação jornalística, o que não seria possível no cotidiano impresso. Também não há a preocupação com a limitação de espaço para abrigar os registros da história, permitindo também ao autor uma maior flexibilidade em relação ao aspecto de atualidade, “compreendido sob a ótica de maior elasticidade” (LIMA, 2004, p. 12). Temas históricos são bem-vindos, assim como fatos relevantes do passado que merecem ser esclarecidos e que tenham interesse público. Outro fator delineador desse tipo de publicação refere-se à maior maleabilidade no que tange ao tratamento da linguagem: embora ela seja a jornalística por excelência, esse tipo de produto pode aceitar o uso de recursos linguísticos vindos da literatura. Esse é um ponto que muitas vezes surpreende o aluno, que passou os anos anteriores lendo e produzindo textos jornalísticos seguindo os preceitos dos manuais de redação, principalmente evitando o uso de adjetivos, priorizando a ordem direta das frases, usando uma linguagem a mais

---

<sup>7</sup> No Congresso de Comunicação – Intercom – usa-se a nomenclatura Trabalhos Experimentais quando se trata do Expocom.

direta e objetiva possível, entre outras normas.<sup>8</sup> Já nas primeiras aulas de Livro-reportagem surpreende-se com a possibilidade de escrever de outra forma, mais livre e pessoal.

Os aspectos acima apontados são vertentes importantes e fundamentais que fazem com que o livro-reportagem seja uma possibilidade cada vez mais considerada por aqueles que querem e podem realizar um trabalho de maior fôlego sem os impedimentos da imprensa cotidiana.

## 5. JORNALISMO LITERÁRIO<sup>9</sup> ORIGENS E LIGAÇÃO COM O LIVRO-REPORTAGEM

A discussão sobre o livro-reportagem passa por alguns princípios da teoria literária e sua utilização neste que é considerado um dos gêneros do jornalismo.

Apontamentos históricos sobre a relação entre jornalismo e literatura indicam o jornalismo europeu, mais precisamente o francês, como o disseminador de uma maneira de escrever que imprimia marcas literárias no texto. Diferentemente do jornalismo norte-americano de finais do século XIX, que se via como um empreendimento e cuja estrutura era semelhante à de uma empresa, o jornalismo europeu estava mais pautado pelo desenvolvimento das ideias, do debate e da crítica. A cultura francesa, privilegiando a leitura e a escrita, abrigou em seus jornais escritores e redatores que tinham no manuseio das palavras o requinte de bem-escrever.

Primeiramente, a forma jornalística literária tal qual a conhecemos, surgiu há mais tempo do que parece. Nosso representante dessa modalidade de escrita é Euclides da Cunha. Ao partir em direção a Canudos na qualidade de jornalista de *O Estado de S. Paulo* para documentar a guerra que estava sendo travada por lá entre o exército e os seguidores de Antônio Conselheiro, privilegiou-nos com *Os sertões*, uma obra que transita entre a literatura e o jornalismo. Na literatura, é reconhecido como um dos precursores do modernismo; como texto literário,

<sup>8</sup> Cf. ERBOLATO, M. I., 1991; LAGE, N., 2001; MANUAL de redação. São Paulo: Publifolha, 2010; MARTINS, E., 2014.

<sup>9</sup> PENA, F., 2006.

explorou como poucos, com uma linguagem rica e pomposa, os aspectos da terra e do povo de Canudos (COUTO 2017, p. 88).

Já no século XX, John Reed saiu dos Estados Unidos por duas vezes para escrever sobre revoluções: a primeira sobre a conflagração mexicana, que resultou na obra *México rebelde* e a outra para cobrir a revolução bolchevique, sem imaginar que seria espectador e testemunha de um dos maiores acontecimentos históricos de todos os tempos.

Ao observar esses movimentos e narrar os fatos de forma densa e em uma linguagem que extrapolava a seca narrativa jornalística, Reed deu ao mundo seu testemunho ocular da revolução bolchevique com o livro *Os dez dias que abalaram o mundo*. Muito da emoção e da convicção do autor – Reed era comunista assumido – aparece nas páginas desses dois livros, em que a paixão pelo movimento e a inclinação às causas sociais extrapolam o que deveria ser a ‘objetividade jornalística’.

O tempo seguiu sua jornada em diferentes frentes e distintas guerras e foram justamente elas que suprimiram muitos jornalistas escritores, estrangeiros ou brasileiros, de histórias reais e profundas. Após a Segunda Guerra Mundial, John Hershey partiu para o Japão em busca de testemunhos dos sobreviventes à bomba de Hiroshima. Encontrou algumas pessoas dispostas a falar: ele ouviu e documentou os depoimentos. Assim surgiu *Hiroshima*, publicado em 1947, que figura entre os clássicos do livro-reportagem e foi, inicialmente, publicado na revista *The New Yorker* (1946).

### 5.1 Década de 1960

Rico em muitos aspectos do ponto de vista sociopolítico-cultural, esse período fez florescer uma leva de escritores jornalistas que começaram a germinar anos antes, principalmente nas revistas *Esquire*, *New Yorker* e nos cadernos do *The New York Times*: Norman Mailer, Gay Talese, Tom Wolfe. Nesse período, Truman Capote, romancista já consagrado – seu romance *Bonequinha de luxo* o havia colocado no Olimpo das celebridades americanas – fez alvoroço com *A sangue frio*, que batizou como um novo gênero: o romance de não ficção. A partir dos anos 1960, os jornalistas passaram a reivindicar uma maior liberdade para redigir seus textos. Liberdade estilística, claro, pois queriam passar para

seus leitores, por meio de uma linguagem mais incisiva, aspectos que antes, pelo texto técnico jornalístico, não conseguiam alcançar. Nada mais seria como antes.

Nessa década, o Brasil sofria o Golpe Militar, o terror promovido pela ditadura, a censura, perseguições políticas e ideológicas, desaparecimentos, mortes, prisão e tortura dos que lutavam pela democracia. Ainda assim, em meio a esse período sombrio, pessoas ousavam a se contrapor ao regime, lutando pela liberdade e perdendo suas vidas por isso.

Em meio ao clima pesado que se apoderou do país, uma revista levantou sua voz e ousou confrontar o regime de terror: a *Realidade*, cujos jornalistas escreviam nos moldes dos colegas norte-americanos, ao estilo do novo jornalismo (COUTO, 2017, p. 89)

O Novo Jornalismo<sup>10</sup> surgiu em um momento específico muito propício à abordagem de texto preconizada por seus produtores. A década de 1960 foi uma vitrine de grandes acontecimentos, bons e ruins, de movimentos sociais e culturais, políticos, econômicos, e inovações tecnológicas. Nesse período, o feminismo ganhava corpo e as mulheres, que reivindicavam liberdade econômica e sexual como nunca antes, ganharam, no mundo ocidental, alguns aliados, como a pílula; a minissaia e o biquíni.

Foi o tempo das grandes manifestações sociais, dos movimentos pelos direitos civis, pela igualdade dos negros nos Estados Unidos, com o *Black Power*, *Black Panther Party* e personagens como Martin Luther King e Malcom X, que colocaram os negros em evidência em sua luta pela igualdade; o *Flower Power*, na origem protagonizado pelos *hippies*, mobilizou personalidades pela paz mundial. “Faça amor não faça a guerra”, *slogan* utilizado pelos ativistas contra a guerra do Vietnã. Esse também foi o período da geração *hippie* e da contracultura, que teve como uma de suas principais protagonistas a cantora Janis Joplin contra a cultura de massa, cujos precursores foram os da geração *beatniks*; John Lennon e Yoko Ono passam dias na cama sendo monitorados pela mídia *big brother* da época com o *slogan* a favor da paz no mundo. Assistia-se à ascensão do *rock’n roll*, das grandes bandas como Beatles, Rolling Stones,

---

<sup>10</sup> Cf. Wolfe, 2005; Weingarten, 2010.

The Who, Creedence, Deep Purple, Led Zeppelin, Pink Floyd, The Beach Boys, The Doors, que dominavam a cena e faziam a delícia não só dessa geração como a das seguintes; o movimento Pop teve em artistas como Andy Warhol (Korichi, 2009) um de seus principais representantes no cenário nova-iorquino com a sua *Factory*, fábrica de experimentações da arte pop, que congregava artistas de diversas áreas, palco de divagações, orgias, produções artísticas, consumo de drogas. Era o tempo da heroína e do LSD e jovens artistas morriam de overdose; no cinema francês, a *Nouvelle Vague*; nos Estados Unidos, Audrey Hepburn e Marilyn Monroe; foi a era das viagens espaciais, da chegada à Lua, da corrida armamentista; da polarização do mundo em dois blocos antagônicos e hegemônicos, capitalista e comunista. A guerra do Vietnã dizimava uma população de jovens norte-americanos e vietnamitas, matando milhões de pessoas no palco dos acontecimentos, entre norte-americanos e vietnamitas ao longo de nove anos; a época mais maluca, mais pirada desde os anos 1920, segundo Wolf (2005) (Couto, 2017, p. 91).

Nesse contexto, os jornalistas de grandes jornais, como *The New York Times*, reivindicavam uma maior liberdade na redação de suas matérias. Como não encontraram espaço nos veículos para os quais escreviam, foram buscar alento para seus voos literários em outras publicações, como as revistas *The New Yorker* e *Esquire* e o suplemento dominical do *Herald Tribune*, o *New York*, este último espaço ideal para experimento com a não ficção, nas palavras de Wolf (2005, p. 29), nos anos 1963 e 64. Foi ali que ele próprio começou a brincar com o ponto de vista narrativo. Um dos melhores jornalistas/escritores dessa safra, Gay Talese, um dos grandes nomes do jornalismo de todos os tempos e um dos mais ativos escritores nessa modalidade, afirma, no Prefácio de *Fama e anonimato*, que

O Novo Jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação, pelo uso de aspas e observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ao assumir o papel de um observador



neutro, como outros preferem, inclusive eu próprio (TALESE, 2011, p. 9).

O Novo Jornalismo permitia que os jornalistas mergulhassem em seus campos de pesquisa e que praticamente se transformassem em mais um personagem da história que perseguiam. Escrevendo em revistas muitas vezes como *freelances*, os jornalistas que protagonizaram histórias no *New Journalism* vinham escrevendo, paralelamente em seus trabalhos em jornais, para revistas como *Esquire*, *The New Yorker*, *Harpers Magazine* (COUTO, p. 92).

Daí em diante, muitas grandes reportagens foram transformadas em livro, e os jornalistas passaram a produzir suas reportagens no formato que tanto apreciavam: livros-reportagem.

## 6. ARREMATANDO O PERCURSO ACADÊMICO LITERÁRIO - A OPÇÃO PELO LIVRO-REPORTAGEM

Por fim, à guisa de conclusão, volto a chamar a atenção para a importância de se incentivar a busca pela escrita literária dos alunos de jornalismo, especialmente durante as disciplinas que mais profundamente trabalham com o texto, como Jornal Laboratório, Jornalismo Investigativo, Redação Jornalística, Jornalismo de Revista e Livro-reportagem. Estas possibilitam ao aluno um contato maior com os instrumentos práticos e teóricos que circundam o ato da leitura e produção de texto, familiarizando-o com o universo da criação literária.

Muitos alunos empolgam-se durante o curso quando entram em contato com grandes reportagens realizadas nas mais diversas editorias, e começam a vislumbrar a concretização de ter seus textos publicados. Muitos se empolgam com os textos de correspondentes de guerra e as grandes reportagens provenientes do Jornalismo Investigativo. Apesar de ser uma área sedutora, chamo a atenção para que observem sempre as situações de risco, que devem ser evitadas, observando a importância de se resguardar de todo e qualquer perigo. É preciso dizer que o Brasil é um país onde o número de violência contra os profissionais da área é muito alto. A entidade Repórteres Sem Fronteira, anualmente faz um ranking dos lugares mais perigosos para exercer a profissão e

onde os repórteres são mais impedidos de realizarem suas atividades. Por impedidos leia-se: confisco do material, prisão, impedimento físico, ameaças, prisão, tortura, assassinatos.

Nunca é demais citar o caso do jornalista Tim Lopes, capturado, barbaramente torturado e morto enquanto realizava uma matéria em uma comunidade. Profissionais da imprensa que enfrentam lugares hostis para realizarem reportagens de risco precisam estar duplamente atentos. Primeiro, precisam verificar se têm respaldo da empresa onde trabalham, que lhes ajudará a proteger-se, dar-lhes segurança etc. Sempre menciono isso, pois não encorajamos nossos alunos a percorrerem terrenos perigosos para a elaboração dos seus projetos.

Há inúmeros exemplos profissionais da área jornalística conhecidos no Brasil e no exterior que realizaram interessantes trabalhos a partir dos mais variados temas<sup>11</sup> e uma infinidade de assuntos importantes e interessantes a serem cobertos encontram-se à espera por sua transformação em livro-reportagem.

## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Les héritiers. Les étudiants et la culture**. Paris: Ed. de Minuit, 1964.

BOURDIEU, P. A demissão do Estado. In: BOURDIEU, P. (Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAPOTE, T. **Bonequinha de luxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COUTO, A. T. O estudante de jornalismo de IES e sua relação com a leitura. **18 COLE – Congresso de Leitura Brasil**. O Mundo Grita. Escuta? Campinas: 16-20 julho de 2012.

COUTO, A. T. **O país das mil colinas**. Relato sobre uma região marcada pelo último genocídio do século XX. Curitiba: Appris, 2013.

---

<sup>11</sup> Ao final do **Livro-reportagem** – Guia prático, relaciono uma lista de livros-reportagem com títulos brasileiros e estrangeiros para consulta.

COUTO, A. T. **Livro-reportagem**. Guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo. Campinas: Átomo e Alínea, 2017.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. São Paulo: Abril, 1979.

ERBOLATO, M. I. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Redação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 1991.

FARO, J. S. **Revista Realidade**. 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Canoas: Ed. da Ulbra, 1999.

HERSEY, J. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KORICHI, M. **Andy Warhol**. Biografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2001.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura (4. ed.). Barueri: Manole, 2008.

MARTINS, E. **Manual de redação e estilo**. São Paulo: Moderna, 2014.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

REED, J. **México rebelde**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

\_\_\_\_\_. **Os dez dias que abalaram o mundo**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

TALESE, G. **Fama & anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WEINGARTEN, M. **A turma que não escrevia direito**. Rio de Janeiro: Record, 2010.